

Veredas

Metáfora na Linguagem e no Pensamento

2/2011

Metáfora e gramaticalização: Um estudo do verbo *chegar*

Ediene Pena Ferreira (UFPA)

RESUMO: Os processos cognitivos atuam de maneira precípua no processo de gramaticalização, destacando-se aqui a metáfora. Esta é um dos processos amplamente reconhecidos na mudança de significado. Em geral, a metáfora opera como uma transferência de um conceito básico, concreto, para outro mais abstrato. A linguagem, portanto, é essencialmente metafórica. Em estudos sobre o processo de gramaticalização por que passa a construção **chegar a + INF**, observamos uma base metafórica que motiva diferentes usos do item **chegar** em situações comunicativas diferenciadas, e concluímos que, por um processo de transferência semântica, o item **chegar** pode passar a corresponder a múltiplas funções.

Palavras-chave: metáfora; gramaticalização; verbo chegar

Primeiras palavras

Este artigo, “Metáfora e gramaticalização: um estudo do verbo *chegar*”, tem por objetivo apresentar usos do verbo *chegar* que consideramos usos abstratos, realizados por meio de transferência de domínios mais concretos de nossas experiências para domínios mais abstratos.

As ocorrências utilizadas aqui fazem parte de um *corpus* oral constituído de forma não sistematizada e do *Corpus Mínimo de Textos Escritos em Língua Portuguesa* (COMTELPO), organizado por Figueiredo-Gomes e XXX (2007), constituído por textos de diferentes gêneros.

1. Processos cognitivos de gramaticalização: metáfora e metonímia

No momento da interação, falante e ouvinte assumem um acordo tácito para que a comunicação seja eficiente, com máximo de inteligibilidade. Dessa forma, o significado do que é dito e ouvido é negociado pelos usuários da língua nas diversas situações comunicativas. Tanto o falante busca meios para que seu interlocutor compreenda a mensagem, quanto o ouvinte busca meios de interpretá-la.

Essa necessidade comunicativa de ser expressivo e eficiente é responsável pela criação de novas expressões, mas, como não seria viável, do ponto de vista cognitivo, ter uma forma para cada função, é comum que o falante, em vez de criar novas formas, atribua novas funções¹ a formas já existentes, utilizando essas formas com propósitos diferentes e com novas significações. Essas novas significações podem implicar mudança na gramática, atuando, portanto, no processo de gramaticalização.

Operando em favor da necessidade comunicativa, os processos cognitivos também têm um papel importante, a ponto de Bybee (1985) afirmar que o desenvolvimento da morfologia é resultado de processos espontâneos por meio de funções semânticas, e que esses processos espontâneos são cognitivos.

Acreditamos que a necessidade comunicativa, que são condições externas à língua e relacionadas às situações de troca linguística, motivam os processos cognitivos que atuam de maneira precípua no processo de gramaticalização, pois sendo este um tipo especial de mudança linguística, por meio do qual o falante não só cria novas palavras, como estende a função de palavras já existentes, é fácil aceitar que essa extensão de sentido dá-se por meio de mecanismos de mudança diversos, destacando-se aqui a metáfora e a metonímia.

A metáfora é um dos processos amplamente reconhecidos na mudança de significado. Os processos metafóricos são processos de inferência por meio de limites conceituais, e tipicamente referidos em termos de *mapping* ou saltos associativos de um domínio para outro. O *mapping* não é aleatório, mas motivado por analogia e relações icônicas (HOPPER e TRAUOGOTT, 1993). Em geral, a metáfora opera como uma transferência de um conceito básico, concreto, para outro mais abstrato.

A linguagem, portanto, é essencialmente metafórica, uma vez que estendemos significados para formas já existentes na língua, devido à semelhança entre a coisa e a palavra que a designa.

É interessante perceber que as formas em processo de gramaticalização apresentam uma abstratização do significado. Isso ocorre pela força metafórica. A explicação para esta força metafórica está no fato de que o pensamento inicialmente trabalha com conceitos adquiridos pelo contato com o mundo concreto. O sistema conceptual que emerge dessa experiência serve de base para a compreensão de uma realidade mais abstrata que constitui o mundo das idéias (VOTRE, 1996). É a metáfora que nos permite compreender o mundo das idéias em função do mundo concreto, obedecendo à trajetória do [+ Concreto] para o [- Concreto].

Enquanto para muitas pessoas a metáfora é um ornamento retórico, para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora não é vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. Mais do que isso, os autores

¹ Utilizamos aqui o termo *função* como sinônimo de significado.

asseguram que nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

Concebendo a metáfora como um processo cognitivo importante para a compreensão do processamento da linguagem e construção do sistema gramatical, Heine; Claudi e Hünemeyer (1991) entendem o processo metafórico como unidirecional, que se faz de acordo com a seguinte escala de abstratização crescente:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Todos os elementos dessa escala constituem domínios de conceptualização importantes para expressar as nossas experiências em termos cognitivos. Há, entre eles, uma relação metafórica; qualquer elemento mais à esquerda pode mapear outro a sua direita.

Muitos exemplos de processos metafóricos advêm do desenvolvimento de termos espaço-temporais. Heine *et alii* (1991) apresentam metáforas como ESPAÇO É UM OBJETO, TEMPO É ESPAÇO. Os autores exemplificam com o verbo *go to*, em (01):

(01) *The rain is going to come* ‘A chuva vai chegar’

O exemplo é de uma metáfora, pois *go to*, que denota movimento espacial – concreto – está sendo usado para referir o domínio mais abstrato de tempo dêítico, uma noção gramatical, portanto.

Hopper e Traugott (1993, p. 79) exemplificam o processo metafórico com BEHIND, que pode ser derivado metaforicamente de uma parte do corpo.

(02) *We are behind in paying our bills*

‘Nós estamos atrasados no pagamento das nossas contas’

Nas construções acima, observamos a transferência de um sentido *A* para um sentido *B*, por haver alguma similaridade entre eles.

A metonímia, por sua vez, é uma transferência semântica por meio de relação de contigüidade e indexação; aponta para relações no contexto e opera nos constituintes morfossintaticamente independentes.

O termo *metonímia* tem sido utilizado para designar a mudança que sofre uma determinada forma em função do contexto lingüístico e pragmático em que está sendo utilizada (cf. MARTELOTTA *et al*, 1996). A contigüidade é posicional ou sintática, pois a mudança ocorre na expressão como um todo.

Como exemplo de metonímia, que é a mudança de sentido desencadeada por itens associados sintaticamente, Castilho (1997) cita o advérbio de inclusão *magis* > conj. adversativa *mas*, em que este item passa a codificar a contração, derivada do uso de *mas* em contextos negativos.

Outro exemplo sobre metonímia é o uso de *be going to* (cf. HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER, 1991, p.46), já apresentado neste artigo. Nos usos abaixo percebemos um contínuo entre a ação verbal e a marca de futuro, o que sugere que o processo cognitivo que direciona itens lexicais a gramaticais possui uma perspectiva pragmática e dependente do contexto, metonímica, portanto.

(03) *Henry is going to town.* ‘Henry está indo para a cidade’

(04) *Are you going to the library?* ‘Você está indo à biblioteca’

(05) *No, I am going to eat.* ‘Não, eu estou indo comer’

(06) *I am going to do my very best to make you happy.* ‘Eu vou fazer meu melhor para fazer-te feliz’

(07) *The rain is going to come.* ‘A chuva está vindo’

Assim, a metáfora e a metonímia são mecanismos que influenciam no processo de gramaticalização. Para Traugott e König (1991), a metáfora é responsável pelas marcas de tempo, aspecto, caso; enquanto a metonímia é responsável pela pressão de informação, e pelo surgimento de conectivos.

O que difere um mecanismo do outro é que a metáfora, como vimos, é um processo de abstratização crescente, pelo qual conceitos pertencentes a domínios mais próximos de experiência humana são utilizados para expressar aquilo que se encontra em domínios mais abstratos, e conseqüentemente, mais difíceis de serem definidos. Já a metonímia é um processo de mudança por contigüidade, pelo contato, pela proximidade imediata, no sentido que é gerado pelo contexto sintático.

Para Jakobson e Halle (1956), a metáfora é uma escolha e, por isso, funciona no eixo paradigmático, ao passo que a metonímia é uma associação, seqüência que funciona no eixo sintagmático, caracterizado por uma reorganização da estrutura do enunciado, e uma reinterpretação dos elementos que o compõem, chamado *reanálise*.

É importante esclarecer que os processos metafóricos e metonímios não se excluem, são, antes, “processos complementares de nível pragmático que resultam de mecanismos duais de reanálise, ligados ao processo cognitivo de metonímia, e analogia, ligados ao processo cognitivo da metáfora” (HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 87).²

Convém lembrar que a abstratização do uso metafórico e metonímico qualifica um item para a gramaticalização, mas nem sempre essa abstratização acarreta gramaticalização. Há inúmeros casos, na língua, em que um domínio mais abstrato não conduz a esse processo, apenas atribui, metaforicamente, um ou vários significados a uma palavra. É o caso, entre inúmeros, da palavra *cabeça*, que pode ser usada, além do sentido literal – parte do corpo, com outros sentidos polissêmicos mais abstratos, como: *o cabeça da turma*; *papo cabeça*. Ocorreu uma abstração do significado, mas não gramaticalização da palavra. A palavra tornou-se polissêmica, isto é, foram adicionados outros significados a uma única forma, mas esses significados não são de natureza gramatical.

2. Os usos metafóricos de *chegar*

Abalizados pela concepção de gramática como um sistema em constante movimento, e considerando gramaticalização como um tipo especial de mudança lingüística motivada por processos comunicativos e cognitivos – como a metáfora e a metonímia, investigamos os diferentes usos do verbo *chegar* no português europeu e brasileiro. Nosso propósito é observar as motivações cognitivas que permitem o falante a construir sentenças com esses usos.

² *In summary, metonymic and metaphorical inferencing are complementary, not mutually exclusive, processes at the pragmatic level that result from the dual mechanisms of reanalysis linked with the cognitive process of metonymy, and analogy linked to the cognitive process of metaphor.* (HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.. 1993, p. 87)

De acordo com Cunha (1992), o verbo *chegar* vem do latim *plicāre*, e significava ‘dobrar’, ‘enrolar’. Tem sua evolução semântica ligada à linguagem náutica; do sentido primitivo do latim “dobrar”, “enrolar” passou-se, metonimicamente, ao de *chegar* (ao porto, embarcação), pois, nessa ocasião, os marinheiros dobravam e enrolavam as velas.

Para uma análise sincrônica do processo de mudança desenvolvido pelo verbo *chegar*, procederemos à descrição dos sentidos de *chegar* arrolados nos dicionários. Segundo o dicionário Michaelis (1998, p. 483) e o Novo Dicionário Aurélio (1986), o verbo *chegar* é uma derivação regressiva de **applicare** “abordar”, “arribar”, cuja regência permite-nos classificá-lo como intransitivo (08) e como transitivo indireto (09):

(08) A primavera chegou.

(09) Quando chegou ao clube, todos já esperavam.

Algumas gramáticas mais tradicionais o classificam apenas como intransitivo, ou seja, como um verbo que possui significado de *per si*, sem necessidade de complementação. Assim, pela análise tradicional, no exemplo (09), o segmento *ao clube* não pode ser considerado complemento verbal, nem o verbo, transitivo indireto. Tal segmento recebe a rotulação de adjunto adverbial. Já para Luft (1998), entretanto, *chegar* é denominado transitivo circunstancial, devido à necessidade de um circunstancializador, no caso em questão o sintagma preposicionado *ao clube*, no exemplo (09).

Vejamos alguns usos do verbo *chegar* que os verbetes de dicionários registram:

Chegar (lat *plicare*) vt e vintr. 1. Vir: Seu irmão acaba de chegar do Rio. Chegou o dia de acertarmos as contas. Vti e vint. 2. Aproximar-se de um ponto: Os excursionistas chegaram até Guaiúba. O pessoal acaba de chegar. 3. Vtd. Pôr ao alcance; aproximar-se: Chegue uma cadeira. Chega-te aos bons. 4. Achejar-se: “Estendeu-lhe os braços, ela chegou-se atraída” (Coelho Neto). Vint. 5. Começar: Chegou o inverno. Vti. 6. Atingir, igualar: O maior deles não chega a esse tamanho. Vtd. 7. Adiantar-se, avançar: Até aonde chegará sua audácia? Vti. 8. Conseguir: não chegou a realizar o negócio. Vpr. 9. Atender, conformar-se: Embora tarde, chegou-se à razão. Vti e vint. 10. Ser suficiente; bastar: o seu dinheiro não chega para tanto. Chega, não cabe mais. Vti. 11. Elevar-se; orçar por: achou-se uma quantia que não chegou a dez dólares. Vint. 12. Acontecer: Uma desgraça nunca chega só. Vtd. 13. Levar (uma fêmea) à cobrição ou padreação: Chegou a égua ao pastor. (MICHAELIS, 1998, p.103)

Chegar 1. Int ou TI: chegar (a ...) (OBS). Atingir o termo de movimento de ida ou vinda; atingir (o lugar visado): Ele chegou cedo (à escola). Chegou aqui\lá. Ele ainda não chegou. “Quem chega tarde, acha o lugar tomado” (Prov.) Aproximar-se: “Não chegues a força que não te enforçarão” (Prov.) – OBS. Verbo de ‘movimento para’, é natural reger ele preposição a diante de complemento de lugar. No Brasil, entretanto, usa-se muito a preposição em (...), como aliás também com outros verbos de movimento. (...) 2. TI: chegar a ... Alcançar; atingir: A escada não chega ao teto. Sua mente não chega a esse nível de abstração.\\ Conseguir: Chegaste a convence-lo?\\ Elevar-se, orçar: A dívida chega a um milhão.\\ Ir ao ponto ou extremo de: Ele chegou a esmolar.\\ Chegar a ...(em...) comparar-se; igualar-se: Ela não chega à mãe (em beleza)\\ Chegar-se em...; chegar-lhe. Bater; espancar.\\ 3. TD(I): chegar (a, para, de ...). Pôr-se perto, aproximar-se. TDp(1): chegar-se; chegar(-se): “Chegar a cadeira ao hóspede (ou do hóspede)” (Jucá). “Chega-se o bem

para o bem e o mal para quem o tem” (Prov.). “Chega-te aos bons, serás um deles; chega-te aos maus, serás pior que eles” (id.)// (...) 4. TDI: chegá-lo por... oferecer como preço de compra: Ele chegou a uma soma alta pelo terreno.// 5. Int: chegar. Ter início, começar (uma estação do ano).// Acontecer, sobrevir: “Uma desgraça nunca chega só” (Aulete). 6. Imp TI: chegar de ... bastar: Chega de reclamações. (LUFT, 1998, p. 97)

Chegar [do latim vulgar *plicare*, ‘dobrar’, der. regressiva de *applicare*, ‘abordar’, ‘arribar’]. V. intr. 1. vir: chegou a hora da eleição. 2. atingir o termo do movimento de ida ou vinda: Depois de longa caminhada meu amigo chegou. 3. Attingir certo lugar: Chegaram aqui ontem pela manhã. 4. Ter início, começar: a primavera chega dia 21 de setembro. 5. Acontecer, suceder, sobrevir: chegou, de repente, a desgraça, quando tudo ia bem. 6. Bras. Ser suficiente; bastar: ofereci-lhe mais dinheiro, mas ele disse que aquele chegava; “viver somente de cartaz não chega” (do samba Onde estão os tamborins?, de Pedro Caetano). 7. Bras. Ir embora, retirar-se: veio ver-me à tardinha, disse que já ia chegando. T.I. 8. Elevar-se; orçar: Seus gastos chegam a 500 cruzados. 9. Attingir, alcançar: a técnica chegou, no século XX, a um grande aperfeiçoamento; não chega a última prateleira da estante. 10. Ir ao extremo de; ir ao ponto de: estava tão enfraquecido que chegou a cair; “explica que esse [Van Gogh] foi o pintor notável, mas esquisito à beca, chegou um dia a cortar a orelha direita (ou esquerda?) para mandar embrulhada num papel de presente para uma dona” (Lígia Fagundes Teles, A disciplina do amor). 11. conseguir, lograr: apesar das palavras amáveis, não cheguei a sensibilizá-lo. 12. igualar-se, comparar-se: é muito inteligente, mas não chega à irmã. 13. Ser bastante, bastar: “__ Mas isto é uma bagatela, não é uma fortuna! __ Chega-me! (José de Alencar, Lucíola, p.171). (...) (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986, p.113)

Pelo que observamos, VIR parece ser o sentido mais usual do verbo *chegar*, pois é o que primeiro consta na lista de significados, mas não é o único. Interessa-nos, neste estudo, saber por meio de quais processos cognitivos e discursivos o verbo *chegar* passou a incorporar outros sentidos. E em que período o falante utilizou tal verbo para significar *bastar, attingir, ir embora* etc?

Elaboramos a hipótese de que *chegar* com o significado de VIR, por ser o uso mais concreto, é a forma-fonte, com idéia de deslocamento de um ponto X a um ponto Y. Neste caso, a valência é preenchida por dois argumentos. O primeiro argumento tem o traço [+Animado], [+Humano] e o segundo argumento apresenta o traço [+Locativo].

Duarte e Brito (2003, p.196), ao abordarem o tema da predicação e a classe de predicadores verbais, consideram o verbo *chegar* como um verbo de culminação. Por culminação entende-se uma situação dinâmica télica apresentada como tendo pouca ou nenhuma duração, e que tem como um de seus componentes um estado conseqüente. Para as autoras são tipicamente verbos de culminação predicados unários de movimento, de aparecimento e desaparecimento de cena, de mudança de estado, como *chegar, sair, nascer, morrer, falecer, murchar, enegrecer, rejuvenescer*. As autoras dão o seguinte exemplo:

(10) O Pedro chegou tarde ao emprego.

Travaglia (1994) ao se referir a esse verbo diz que ele expressa situações pontuais, cuja ocorrência implica o término de uma outra situação que é durativa, isto é, situações

pontuais que são o término de uma situação durativa. Assim o significado de (11) pode ser dado por (12):

- (11) Antônio chegou.
- (12) Antônio terminou de vir.

Ao lermos revistas e jornais, ao assistirmos aos programas de televisão, ou mesmo ao observarmos conversas do dia-a-dia, percebemos diferentes usos do verbo *chegar*. Um exemplo é o uso muito recorrente desse verbo na indicação de limite numérico. O uso é tão freqüente que parece indiciar uma especialização deste item para expressar esse conceito:

(13) Hoje, a grife Anne Fontaine possui 70 filiais ao redor do mundo que vendem camisas brancas e acessórios femininos criados pela brasileira. Catherine Deneuve, Britney Spears, Catherine Zeta-Jones e Oprah Winfrey costumam usar peças criadas por esta carioca de 39 anos. Se o time de clientes famosos impressiona, os números também: o faturamento da marca **chega a US\$ 160 milhões** por ano. E não pára por aí. Até junho, a brasileira vai inaugurar um espaço de 700 metros quadrados na luxuosa avenida Saint Honoré, em Paris.³

(14) Valor da compra da Varig pela Gol pode **chegar a US\$320 milhões**.⁴

(15) Romário pode **chegar aos mil gols** hoje. Siga os estaduais ao vivo.⁵

Juntam-se a esse uso, outros bastante interessantes, como os em que *chegar* combina-se com certos elementos formando com estes uma espécie de expressão cristalizada. É o caso das expressões *chegar lá*, *chegar junto*, *chega mais*, *chega pra lá* e *chega pra cá*. A expressão *chegar lá*, como em (16), denota a idéia de alcançar um objetivo, um ideal, em que *lá* pode representar esse ideal, ou mesmo um lugar facilmente retomado pelo contexto. No caso de (16), lá é o Palácio do Planalto, sede do Governo Federal, considerando que essa ocorrência é uma propaganda política de uma campanha presidencial.

(16) Juntos **chegaremos lá**, fé no Brasil. Com Afif, juntos, **chegaremos lá**.⁶

Chegar junto, em (16), entre outras interpretações, pode expressar conquista, sedução ou um relacionamento mais íntimo, como em (17). Essa expressão pode ser considerada uma lexia, pois se tratam de duas formas – *chegar* e *junto* – que, em outros contextos, apresentam autonomia sintático-semântica, mas, no contexto de (17) e (18) formam um bloco com significado único.

(17) Alemão promete beijar Bial e “**chegar junto**” de Íris.⁷

(18) O problema de Maria é que ela não me deixa **chegar junto**.⁸

Outros exemplos de lexia são as expressões *chega mais*, *chega pra lá*, *chega pra cá*. A primeira denota aproximação, uma chamada para o ouvinte prestar atenção em algo que o falante quer enfatizar, como em (19).

³ Isto é Gente, 26 de março de 2007, p.41.

⁴ site www.uol.com.br; 29 de março de 2007.

⁵ site www.globo.com; 25 de março de 2007.

⁶ Campanha Presidencial do candidato Guilherme Afif Domingos, em 1990.

⁷ Site www.globo.com/bbb7.

⁸ Ocorrência do português contemporâneo, extraída de conversa espontânea, entre dois jovens universitários da cidade de Santarém – Pa. Utilizamos um nome fictício, para preservar a fonte.

(19) **Chega mais!** Vem conferir as ofertas das lojas Yamada.⁹

Chega pra lá pode ser uma expressão substantivada, pois pode aparecer fazendo parte de uma expressão maior, como “dar um chega pra lá”, como em (20), cuja intenção do locutor é bem clara, a de demonstrar certo descontentamento; essa expressão também pode ser usada independentemente, como em (21), para expressar o desejo de distanciamento.

(20) O jogador, sem muita vontade de explicar sua reação durante a partida, **deu um chega pra lá** nos repórteres que o cercaram no final do jogo¹⁰.

(21) **Chega pra lá!** Não me incomoda mais!¹¹

Em contraparte, encontramos também a expressão *chega pra cá*, que indica aproximação.

(22) **Chega pra cá.** Fogo no Paparazzo. Alemão tira casquinha de Siri. Veja as fotos.¹²

Com função apresentativa, o verbo *chegar* também é encontrado, comumente, em anúncios de lançamento de produtos comerciais, como em (23); além de ser um item quase obrigatório em mensagens de protesto, substituindo o *não a* e o *abaixo a* como em (24), e aparecer com valor de interjeição como em (25).

(23) **Chegou** a listaonline.com.br. É a Editel e a Listel juntas na Internet.

(24) **Chega** de corrupção!

(25) **Chega!** Campanha da não-violência à mulher.

Outro exemplo que merece destaque foi o encontrado em uma enquete de um programa de televisão, em que se usou o verbo *chegar* em seqüência, com valores diferentes, primeiro como núcleo do predicado e depois como expressão adverbial:

(26) Você está em uma balada azarando uma gatinha, se uma mulher, não tão bonita, **chega-chegando**, qual a sua atitude?¹³

Parece que o objetivo desse uso de *chegar* em (26) é enfatizar que “a mulher” é liberada e sedutora.

Na oralidade, é comum encontrarmos *chegar* não mais em função verbal, mas como qualificador:

(27) Ele é **chegado** a uma cerveja!

(28) Não sou **chegada** à música sertaneja!

⁹ Comercial das Lojas Yamada, veiculado pela televisão no estado do Pará.

¹⁰ <http://oglobo.globo.com>. Reportagem sobre uma partida de futebol, em que um jogador recusou-se a falar com a imprensa depois de ter agredido o adversário, por considerar ofensivas as embaixadinhas realizadas por este.

¹¹ Ocorrência do português brasileiro contemporâneo, extraída de uma conversa espontânea entre um motorista de táxi e um flanelinha, na cidade de Fortaleza – CE.

¹² www.globo.com. Manchete principal do site Paparazzo em abril de 2007.

¹³ Programa O Melhor do Brasil, da Rede Record, em 17 de março de 2007.

(29) Ele era muito **chegado** a uma loirinha.

Nesses exemplos, parece ter havido uma mudança semântica, pois o “ser **chegado**” assume o conteúdo lexical de “gostar”, que apenas evoca a idéia de *aproximar-se*, uma das acepções mais comuns de *chegar*.

Há ainda casos em que a qualificação é bem mais clara, como em (30), em que *cheguei* não faz referência à forma verbal *chegar*, mas funciona com função adjetiva.

(30) _Tu viste a cor da blusa dela?

_ Não. Qual era?

_ Hum... um verde *cheguei*.¹⁴

São recorrentes também usos de *chegar* como os apresentados abaixo:

(31) Com o resultado, o Sporting **chega** a 10 pontos, em quarto lugar.

(32) **Chegamos** à conclusão de que não adiantava atrasar os pagamentos.

(33) Quando **chegamos a estreitar** nossas relações, eu já transpusera francamente o círculo romântico, vivendo por esse tempo na admiração dos tipos representativos do naturalismo e do parnasianismo, de mistura com algumas individualidades intermediárias

(34) incansavelmente, foi urdindo uma teia de resistência que, segundo ele, deveria necessariamente conduzir à acção armada. Tudo fez para desmascarar a farsa da “primavera marcelista”, **chegou mesmo a vir** clandestinamente a Portugal e voltou a incompatibilizar-se com o Partido Comunista.

Observando as ocorrências apresentadas, percebemos que do uso mais concreto (alguém chegar a algum lugar) surgem usos mais abstratos via processo metafórico. Algumas ocorrências nos lembram esquemas imagéticos citados por Lakoff e Johnson (1980) responsáveis pelas chamadas metáforas conceptuais. Dessas metáforas, citamos TEMPO É ESPAÇO, METÁFORA DO CAMINHO, METÁFORA DO RECIPIENTE. Como exemplo da metáfora TEMPO É ESPAÇO, citamos (35)

(35) João chegou aos 30 anos sem saber ler e escrever

Chegar que denota movimento espacial, como em (36), está sendo usado para referir um domínio temporal, em (35), portanto, mais abstrato.

(36) João chegou a São Paulo

A ocorrência (36), como já dissemos, denota movimento espacial. Esse movimento lembra-nos a METÁFORA DO CAMINHO, que também pode encontrada em usos, como o de (37)

(37) **Chegamos** à conclusão de que não adiantava atrasar os pagamentos

¹⁴ Ocorrência do português brasileiro contemporâneo, extraída de uma conversa espontânea entre duas mulheres adultas da cidade de Santarém – PA.

na qual há um mapeamento de um domínio mais concreto da experiência – o CAMINHO - na conceituação de domínio da experiência que é mais abstrato, um estado em (37).

Em (38), observamos que a sentença reflete a presença do esquema imagético RECIPIENTE, em que há recipientes nos quais podemos entrar e sair, e que podem conter experiências abstratas tal qual podem conter objetos concretos.

(38) **Chega!** Não agüento mais tanta violência!

Nesse caso, o recipiente já está cheio (cheio de violência) e o uso do *chega* mostra a saturação desse recipiente. Novamente percebemos que a expressão de nossos domínios abstratos é realizada a partir dos domínios mais concretos.

Para concluir

A análise das ocorrências que constituem o *corpus* oral não sistematizado e o COMTELPO permitiu-nos observar que o verbo *chegar* vem sendo usado em diferentes situações comunicativas e com diferentes funções no discurso, o que o torna um item em processo de gramaticalização.

Os usos apresentados neste artigo demonstram que o falante expressa os domínios mais abstratos de sua experiência por meio de domínios mais abstratos, utilizando para tanto os esquemas imagéticos, citados por Lakoff e Johnson (1980), responsáveis pelas metáforas conceptuais. Nas ocorrências de *chegar*, notamos a presença das metáforas TEMPO É ESPAÇO, CAMINHO e RECIPIENTE.

ABSTRACT: Cognitive processes, and specially metaphor, play an essential role in the process of grammaticalization. Metaphor is one of the most amply recognized processes of meaning change. In general, metaphor can be understood as a transfer operation from a more basic, concrete concept to a more abstract one. Language is therefore essentially metaphorical. Studies about the grammaticalization process of the construction of lexical item **chegar a + INF**, in Brazilian Portuguese, demonstrate a metaphorical basis which motivates different uses of the item in different communicative situations. We, thus, conclude that by a process of semantic transference **chegar** acquires multiple functions.

Keywords: metaphor; grammaticalization; chegar verb

Referências

AURÉLIO. *Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa*. 7^a. ed. São Paulo: Ática, 1986. p.113.

BYBEE, J. *Morphology*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. 240p.

CASTILHO, A. A gramaticalização. In: *Revista de estudos lingüísticos e literários*. Salvador: UFBA, 1997. p. 25-64.

CUNHA, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p.97

DUARTE, I.; BRITO, A.M. Predicação e classes de predicadores verbais. In: MATEUS, M.H. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.p.181-203.

FIGUEIREDO-GOMES, J.B.; XXX. (orgs.) *Corpus mínimo de textos escritos em língua portuguesa*. Lisboa, 2006. (no prelo)

HEINE, B; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago: The University of Chicago Press, 1991. 276p.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993. 240p

JAKOBSON, R.; HALLE, M. *Fundamentals of language*. Haia: Mouton, 1956. 210p.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors; we live by*. Chicago an London: The University of Chicago Press, 1980. 202p.

LUFT, C.P. *Dicionário prático de regência verbal*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

MARTELOTTA, M.E. ; VOTRE, S. ; CESÁRIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1996.

MICHAELIS. *Moderno dicionário de língua portuguesa*. São Paulo: Companhia de Melhoramentos, 1998. p.103.

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization. V.1: Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's, 1991. p.140-170.

TRAVAGLIA, L.C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 3ª ed. Universidade Federal de Uberlândia, 1994. 308p.

RECEBIDO EM 03/04/2011 – APROVADO EM 02/08/2011